

Superávit nas contas externas cresceu 754%

No primeiro semestre do ano, as exportações compensaram a queda de investimentos e empréstimos externos

Enio Vieira

BRASÍLIA. As exportações estão compensando em 2004 a falta de investimentos e empréstimos externos para o Brasil. No primeiro semestre, as transações correntes (comércio exterior, viagens, juros e remessa de lucros) registraram saldo de US\$ 4,415 bilhões — 754% acima dos US\$ 517 milhões do mesmo período do ano passado. Segundo o chefe do Departamento Econômico do Banco Central (BC), Altamir Lopes, foi o maior resultado desde 1947, quando começaram as estatísticas.

No acumulado de janeiro a junho, o saldo comercial subiu de US\$ 10,397 bilhões em 2003 para US\$ 15,049 bilhões este ano e puxou o superávit.

Segundo Lopes, o primeiro semestre teve uma instabilidade de forte com a indicação de alta dos juros americanos, o que provocou queda de recursos para os países emergentes. No Brasil, o fluxo de empréstimos e investimentos ficou negativo em US\$ 1,757 bilhão de janeiro a junho, frente à entrada de US\$ 9,126 bilhões no mesmo período do ano passado.

Os investimentos estrangeiros diretos passaram de US\$ 3,5 bilhões no primeiro semestre de 2003 para US\$ 4,044 bilhões este ano. Para o economista do BC, a tendência de longo prazo é que voltem os recursos financeiros e as transações correntes tenham pequenos déficits.

— Estamos ainda no meio de um ajuste das contas externas. O superávit em transações correntes reduz a vulnerabilidade do país. Mas não se deseja superávit no longo prazo. O desejável é ter um pequeno déficit que possa ser financiado com poupança externa complementar (investimentos, empréstimos) — disse Altamir, referindo-se à pequena poupança nacional.

Em 12 meses, superávit corrente de 1,5% do PIB

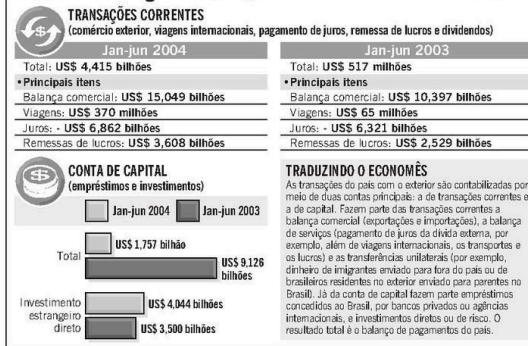
Em 1998, o Brasil atingiu um déficit corrente de US\$ 33 bilhões, o que resultou na necessidade de desvalorização cambial do ano seguinte. Darcy lembrou que altos déficits necessitam de grandes volumes de financiamento e aumentam a vulnerabilidade do país quando ocorrem interrupções no crédito externo.

Altamir Lopes ressaltou que o país suportou bem a instabilidade no primeiro semestre. Um dos sinais do choque foi a dificuldade das empresas em renovar dívidas no exterior. De cada US\$ 100 vencendo no mercado internacional, foram renovados 81% deste valor. No ano passado, a média havia sido de 115% — ou seja, havia entrada líquida de recursos.

— Com a tendência de alta dos juros americanos, houve paralisação no fluxo de recursos para emergentes. O investimento direto reagiu mais rápido. Já a rolagem de dívida do setor privado caiu a 28% em julho, mas subiu para 52% agora em julho. Nossa previsão é que chegue a 96% na média do ano — afirmou Altamir Lopes.

Nos últimos 12 meses, o superávit corrente está em US\$ 7,914 bilhões, o equivalente a 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB). O BC espera que este valor caia para cerca de US\$ 4 bilhões em dezembro devido à

O balanço de pagamentos no semestre



Editoria de Arte

Caixa terá novo serviço de remessas

BRASÍLIA. A Caixa Econômica Federal e o Banco Comercial Português (BCP) assinaram ontem um convênio para facilitar as remessas de recursos de brasileiros que vivem no exterior. O sistema deverá entrar em operação num prazo de seis meses e vai permitir que os portugueses residentes no país também utilizem o serviço.

Segundo o presidente da Caixa, Jorge Mattoso, com essa medida a Caixa pretende ampliar o atendimento dos brasileiros que estão fora do Brasil. Os brasileiros que estão no exterior não precisarão abrir uma conta corrente no BCP para usar o serviço. Mas o vice-presidente mundial do BCP, Christopher de Beck, afirmou que a principal vantagem da operação, além da cobrança de tarifa pela transferência, é o contato com os potenciais clientes.

Barreira argentina contra o Brasil já está em vigor

Importação de máquinas de lavar perde licença automática. Amorim admite recurso à OMC

Janaina Figueiredo* e Eliane Oliveira

BUENOS AIRES e BRASÍLIA. Dois dias depois de ter implementado uma sobretaxa de 21,5% às importações de televisores fabricados na Zona Franca de Manaus, o governo argentino publicou ontem no Diário Oficial a Resolução 177/2004, que prevê o fim do licenciamento automático para as importações de máquinas de lavar. Segundo o governo vizinho, hoje o Brasil detém 49% do mercado argentino de lavadoras e, portanto, será o país mais prejudicado pela imposição de barreiras nas tarifas a produtos importados.

Apesar da estratégia do governo Lula de tentar se aproximar mais da Argentina de forma a evitar que os conflitos continuem crescendo, o presidente argentino, Néstor Kirchner, parece disposto a tudo para proteger o mercado interno de seu país. As divergências entre os dois governos serão discutidas no próximo dia 9 de agosto, pelos ministros das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim, e da Argentina, Rafael Bielsa, em Buenos Aires.

Para Eletros, medida ameaça empregos no Brasil

O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior disse que a posição do governo brasileiro é continuar negociando. Celso Amorim, por sua vez, admitiu que, se não for possível uma so-

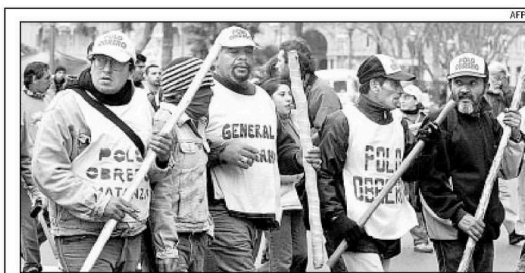
lução negociada, o caminho a ser trilhado será uma ação na Organização Mundial do Comércio (OMC), sobretudo no caso da taxação, em 21% das importações de televisores produzidos na Zona Franca de Manaus.

— A OMC será o último recurso, se não for mais possível uma negociação — afirmou Amorim.

Já o presidente da Câmara de Fabricantes de Aparelhos Elétricos e Mecânicos (Cafameh, na sigla em espanhol), José San Juan, defendeu a posição do governo argentino: — Esta é a única saída que encontramos para equilibrar o comércio entre os dois países. Queremos continuar negociando, mas não aceitaremos atitudes infantes.

Ele se referiu ao comunicado divulgado na segunda-feira pela Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos (Eletrós). Na nota, a associação brasileira disse considerar inadmissível a proposta apresentada semana passada pelos fabricantes argentinos de máquinas de lavar, que limitava a 50 mil unidades as exportações do produto entre julho e dezembro deste ano. Na visão da Eletrós, as restrições representam "uma ameaça de indesejável desemprego, cancelamento de contratos de compra de insumos, entre outras consequências negativas".

(*) Correspondente



DESEMPREGADOS protestam no centro de Buenos Aires contra a deterioração do mercado de trabalho

Aniversário para não comemorar

Piqueteiros fazem atos contra 30 anos de empobrecimento

BUENOS AIRES. A capital argentina voltou a ser tomada ontem por manifestações de desempregados, os chamados piqueteiros. A onda de protestos que nos últimos meses abalou o país é motivo de preocupação de integrantes do governo Néstor Kirchner. O ministro da Economia, Roberto Lavagna, disse que "o caos, quando fica repetitivo, nunca ajuda, por mais que seja um ato focalizado, como a invasão de uma delegacia ou de um edifício público". Segundo o ministro, os protestos dos piqueteiros podem afetar decisões econômicas de longo prazo.

Um seminário realizado ontem pela empresa de consultoria Equis, o sociólogo Artemio López disse que encontra soluções para a

crise do mercado de trabalho argentino é um dos grandes desafios de Kirchner. Segundo López, este mês o processo de empobrecimento da Argentina completa 30 anos.

— Tudo o que estamos vivendo é fruto da política equivocada que começou em 1974 (terceiro governo de Perón) e foi aprofundada na ditadura (1976-1983) — afirmou o sociólogo argentino. Segundo dados da Equis, em 1974 cerca de 40% da população economicamente ativa da Argentina eram operários industriais. — Temos 11 milhões de pessoas que empobreceram nos últimos 15 anos, em grande medida pela deterioração do mercado de trabalho — explicou López. (Janaina Figueiredo)

Mercosul ainda acredita em acordo com a UE

Amorim e Furlan dizem que suspensão de reunião não significa uma ruptura das negociações

BRASÍLIA. O impasse nas negociações entre Mercosul e União Europeia (UE) não tirou a esperança do governo brasileiro de que um acordo de livre comércio entre os dois blocos seja fechado até o fim de outubro deste ano. Foi o que disseram, ontem, os ministros das Relações Exteriores e do Desenvolvimento, Celso Amorim e Luiz Fernando Furlan. Amorim disse que o Mercosul suspendeu as conversas anteontem, durante uma reunião em Bruxelas, de-

vido à falta de equilíbrio entre as propostas. Segundo ele, o bloco sul-americano foi surpreendido por uma nova oferta dos europeus, reduzindo as cotas atuais.

— Não rompemos a negociação e não houve qualquer gesto teatral de nossa parte. Mas não havia mais o que dizer sobre uma oferta pequena e que só seria concedida num período de dez anos. Dessa forma, não tínhamos perspectiva de benefícios de curto prazo — disse o chanceler, na

presença do ministro das Relações Exteriores da Espanha, Miguel Ángel Moratinos.

Segundo Amorim, a oferta do Mercosul — que se mantém irredutível sobre a decisão de não abrir o setor de compras governamentais, como querem os europeus — já era conhecida. Ele lembrou que, no nível político, foi pedido à UE que melhorasse sua proposta agrícola.

— Não houve nada da nossa oferta atual que pudesse ter decepcionado a UE. É preciso o mínimo de equilíbrio entre os

benefícios mensuráveis a curto prazo e nós achamos que isso não existe — disse Amorim.

O ministro espanhol lembrou que seu governo tem um compromisso, já firmado com o Brasil, de fazer o possível para convencer os demais países da UE a reduzir os subsídios agrícolas. Mas, para Moratinos, ainda não foram apresentadas ofertas satisfatórias de ambos os lados.

Mas o ministro do Desenvolvimento disse que, apesar do impasse, continua apostan-

do no entendimento. Segundo Furlan, a reunião ministerial que acontecerá em Brasília em 9 de agosto de representantes do Mercosul e da UE será definitiva.

— Sou otimista até a morte — disse Furlan.

O setor produtivo brasileiro aplaudiu a posição do governo. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) disse que a suspensão das negociações entre Mercosul e UE demonstra a complexidade das negociações. (Eliane Oliveira)

Jatinho de luxo da Embraer desperta cobiça de ingleses

Bom, bonito e barato, Legacy faz sucesso em Farnborough

Fernando Duarte

Correspondente

FARNBOROUGH, Inglaterra. Guardadas as devidas proporções de uma indústria *hi-tech* e careira como a aviação comercial, a Embraer está se valendo do bom, bonito e barato para conquistar espaço no mercado mundial. A empresa brasileira tem sido um dos destaques do Feita Internacional de Farnborough, uma das mais importantes do setor, para promover produtos como os jatinhos de luxo da série Legacy e as aeronaves de carreira da família Embraer 170 e 190, que despontam como uma ameaça a aviões famosos como o Boeing 737 no segmento de curtas viagens nacionais ou internacionais.

Enquanto aviões militares faziam acrobacias nos céus ingleses como parte da programação da feira, que termina no domingo, as duas aeronaves da Embraer atraíram a atenção de gente mais interessada em negócios, em especial a turma em busca de conforto e exclusividade nos ares. O Legacy oferece luxo para executivos, políticos e celebridades, ao custo de US\$ 21 milhões. O preço é salgado, mas pelo menos 30% menor que o cobrado pelos aviões da principal empresa do setor de aviação corporativa, a americana Gulfstream. E oferece mais vantagens em termos de espaço.

— O mercado de aviação corporativa movimentou cerca de US\$ 8 bilhões por ano em vendas de aviões novos e deverá crescer para US\$ 13 bilhões em 2006. Nossas aeronaves não apenas oferecem mais espaço que a concorrência e mesmo o bagageiro é maior do que outros 40 jatinhos do mercado — explica Marco Túlio Pellegrini, gerente de inteligência de marketing da Embraer.

O Legacy já transportou gente ilustre como o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, a cantora canadense Celine Dion e o piloto de Fórmula-1 David Coulthard. E a suspensão dos negócios entre Mercosul e UE demonstra a complexidade das negociações. (Eliane Oliveira)

